

## MARÍTIMO

Manoel de Andrade



Cleto de Assis

Quando a vida te exilou num cais de pedra,  
teus vinte anos desabaram numa tarde do mundo...  
e tu ficaste...

ficaste tão somente com o sal das tuas lágrimas,  
preso à magia dos teus barcos de papel  
e ao feitiço sonoro dos grandes caramujos  
que te embalaram a infância com a sinfonia íntima dos mares.

Tuas lágrimas nunca molharam a tua face  
mas transformaram tua alma numa laguna imensa.

Teu olhar... translúcido de pérola e verde  
restou... sem a tatuagem dos oceanos.

Teu barco  
atrelado à fantasia  
soçobrou nas brechas das calçadas.  
Teu canto, sem proa e sem rumo  
silenciou nos abismos do teu ser.

E tu... ficaste  
impotente...  
atado ao mistério do destino.  
Sim, tu ficaste,  
tu... o grande marítimo,  
e teu coração afogou-se na vazante

e a vida te partiu em dois pedaços  
e tiveste que sobreviver entre as lembranças indeléveis do teu sonho  
e a súbita consciência de um dever a ser cumprido.

E tu... ficaste  
na penumbra  
na desfigurada penumbra das margens  
sem a passagem do Gibraltar

sem cruzar o Helesponto  
sem o farol na noite, sem a terra à vista  
sem a visão do iceberg solitário.  
Tu ficaste sem a aurora e o crepúsculo perfeitos  
sem o vôo do albatroz e a dança das baleias  
sem as monções, sem os alísios  
sem o marulho e a calmaria.  
Tu herdaste apenas uma onda solitária  
apagando sempre os teus passos na areia

Sim... tu ficaste!  
algemado à pesada âncora do sonho  
escamoteando os teus suspiros  
e a tua inconfessável angústia.  
De todos os navios  
de todas as tripulações  
restou apenas  
a tua efígie de grumete  
como um clandestino escondido no sacrário do teu ser,  
a banhar-se agora nas marés e no orvalho da poesia...  
refrigério  
ressurreição  
alaúde soluçante.

Já não ousas sonhar com a fascinante travessia dos fiordes  
com a paisagem insular da Polinésia  
com a visão das ilhas distantes  
quais manchas cinzentas recortadas no azul  
miragens impassíveis flutuando na linha do horizonte.  
Já não sonhas com a marinha imensidão marinha  
com a brisa aromática dos golfos  
e as sonâmbulas gaivotas  
e contudo... sentes  
pressentes que sempre haverá um norte,  
haverá sempre um porto à tua espera  
que haverão outros navios como o Granma  
transportando oitenta e dois heróis e o sonho imenso de um povo  
e eis que agora te ilumina o farol ofuscante desta Ilha

e eis que o fogo dessa pira acesa no Caribe  
será a forja que acenderá nova utopia  
iluminando os caminhos de outras Sierras  
e o rumo dos novos navegantes.

Com essa luz recriarás teu canto  
anunciando a saga dos novos comandantes  
e teu verso cuspirá na face indisfarçável dos verdugos  
e beijará o rosto deslumbrante da esperança  
e tu cantarás um sol atrás dessa penumbra  
porque além dessa insuportável sombra sobre a pátria  
seremos sempre um povo navegando  
porque haverão outros veleiros como o Mayflower  
transportando os patriarcas de uma nova raça  
navegando na própria Via Láctea  
navegando sob o signo do Cruzeiro  
ao sul do Continente  
no roteiro de um destino luminoso.

Tu ficaste...  
e contudo... no âmago da alma,  
Impassível,  
ontem, hoje, amanhã...sempre,  
como um enigma.  
restará o mar...  
o mar que se espraia em tua vida  
o mar que salga os teus pés e lava a tua alma  
o mar onde teu sonho desde sempre singra os mares  
navegando nas trirremes e nas galeras do Mar Egeu  
nos galeões de todas as bandeiras  
no convés movimentado dos paquetes  
na proa das chalupas na costa americana do Pacífico  
nos grandes vapores oceânicos que riscaram os mares no século passado  
na navegação de cabotagem  
e no longo curso dos modernos navios mercantes.

Ah... o mar...  
o mar onde teu olhar navega em tudo que flutua  
o mar onde um dia teu sonho buscou um capitão  
o mar que ainda te espera  
o mar...  
sempre o mar

o mar de sempre  
o mar de todos os tempos  
os cálidos mares primordiais  
o mar sem navegantes

o mar da solidão perfeita  
o berço da vida  
o laboratório milenar das espécies  
o mar mitológico dos argonautas  
o mar homérico nos mares adversos de Ulisses  
o mar dos navegadores micênicos  
o mar dos gregos e fenícios  
talassa, talassa, o mar dos dez mil retirantes  
talassa, talassa...  
enfim... o mar, o mar... diz Xenofonte.

O Mare Nostrum...  
o berço do Ocidente  
o mar dos romanos e cartagineses  
dos venezianos e genoveses  
a rota marítima dos grandes navegantes  
o mar da Coroa Espanhola  
o mar Mediterrâneo de Filipe II.

O Mar do Norte  
o mar cortado pela proa alta dos vikings  
o mar dos navegadores noruegueses  
dos batedores marítimos do primeiro milênio  
o mar cantado nos versos imortais de Heine.

O mar quinhentista, o mar da Escola de Sagres  
os mares remotos sonhados por Dom Henrique, o Infante, o Navegador,  
o mar das caravelas  
o mar que descobriu o Novo Mundo  
que trouxe a espada de Cortez, de Pizarro e Alvarado  
que trouxe o evangelho de Nóbrega e Anchieta  
o mar que trouxe a sensibilidade de Maurício de Nassau.

Ah... o mar...  
o mar em todos os mares  
o mar dos grandes navegantes

o mar de Bartolomeu Dias e Colombo  
o mar de Cabral e de Fernão de Magalhães  
o mar de James Cook e de Bering.  
Os mares do sul e dos remotos navegantes polinésios  
velejando pelas águas profundas do Grande Oceano  
em busca de um berço de sol e do poente  
o mar na origem do homem americano  
na história misteriosa contada por uma balsa de juncos  
o mar da expedição Kon Tiki

Ah... o mar...

o mar maculado pelo sangue das grandes batalhas

Salamina, Áccio, Lepanto...

o mar que afundou a Invencível Armada

o mar de Francis Drake

o Mar da Antilhas

o másculo mar dos piratas e bucaneiros

o domínio inquestionável de Henry Morgan

o mar do Almirante Nelson, o mar de Trafalgar

o mar da Coroa Inglesa

o mar nos mares sangrentos

onde navegaram as fragatas e as canhoneiras da dominação ocidental.

Ah... o mar...

o mar abençoado pela bandeira da ciência

o mar na longa viagem do Beagle, o mar de Galápagos

o mar de Piccard

revelando os mistérios do abismo

o mar da Grande Travessia

da sonhada Passagem do Noroeste

o mar que uniu dois oceanos na aventura gloriosa de Amundsen.

Ah... o mar...

o mar que seduz o coração dos homens

o mar de Jacques Cousteau, o admirável Comandante

cruzando, a bordo do Calypso, as águas de todos os oceanos

para revelar ao mundo a beleza dos mares e da vida...

Ah... o mar...

o teu mar

o mar do leste

atlântico

litorâneo

o teu mar brasileiro

o mar dos jangadeiros

o mar dos canoeiros

o doce mar cantado por Caymi.

O mar...

o mar que tu também cantas

o mar dos pescadores do sul

o teu mar de menino

o mar ainda dos remos e das velas

o mar dos espinhéis e das puçás

o mar das redes e das tarrafas

dos imensos cardumes de tainhas  
caminhando como manchas inquietas sob as águas  
o mar do vento-sul e do terral  
o mar que assusta e que encanta.

Ah... o mar...  
teu relicário  
útero imensurável da vida  
o ventre deslumbrante da aurora  
o doce mar da tua infância  
teu litoral de luz  
o mar que inunda a tua poesia  
o mar... sempre o mar  
a navegar palpitante em teu lirismo.

Eis aí o inventário de tua alma  
a herança de um sonho acalentado desde sempre.  
Para ti, poeta  
ou marujo ou companheiro  
restou apenas um fragmento da tua mais legítima fantasia...  
daqueles barcos de papel que navegaram em tua infância.  
Restou uma imagem que somente a poesia te concede,  
uma paisagem mágica que se impõe à revelia do tempo:

*...numa praia do sul, salpicada de canoas, vai um barco sobre o mar...  
é um veleiro deixando a baía numa manhã de sol  
é o teu sonho navegando no rumo do horizonte...*

Mar  
amado mar  
suntuoso mausoléu aberto ao naufrago  
tu me negaste a glória  
o sal da vida  
tu me afogaste  
sobre um cais de pedra.

Curitiba, janeiro de 65

(\*) Este poema consta do livro CANTARES, editado por Escrituras.